

O Índice do Big Mac

J. Roberto Whitaker Penteadó

Em 1986, os jornalistas da revista inglesa *The Economist*, meio a sério, meio de brincadeira, criaram algo que chamaram de Índice Big Mac.

Trata-se de uma tabela elaborada a partir de uma pesquisa feita por todos os correspondentes da revista, em 32 países em que ela está presente e também a McDonald's. No mesmo dia, os representantes vão até a franquia mais próxima e anotam o preço do sanduiche Big Mac. Aí convertem-no em dólares, ao câmbio do dia, e informam a redação.

Por trás da brincadeira que virou coisa séria, estava o questionamento a respeito das comparações feitas sobre custo de vida e as variações cambiais, em diversas regiões do mundo, que parecem depender mais das influências políticas e dos movimentos especulativos do que de diferenças objetivas na atividade econômica. Na teoria, trata-se da Paridade de Poder de Compra (PPC).

A escolha do Big Mac como padrão de medida oferece certas vantagens: o sanduiche é preparado de forma quase idêntica nos 118 países em que a McD está presente; trata-se de um item no qual participam proporcionalmente os três setores da economia - o agrícola, o industrial e o de serviços, e - é claro - é coisa familiar a quase todos os leitores da revista.

A última pesquisa do índice foi feita no dia 22 de abril deste ano. Nos EUA, pátria do Big Mac, seu custo médio (há pequenas variações regionais) é de US\$ 2,71. O país em que o preço é mais barato é a China: US\$ 1,20 - e o mais caro é a Suíça, exorbitantes US\$ 4,52. A análise financeira é de que o yuan chinês está subvalorizado, enquanto o franco suíço continua super.

Qual a situação no Brasil? Aqui, o Big Mac custa R\$ 4,55 - ou US\$ 1,44 ao câmbio do dia de R\$ 3,07/US\$1. Na verdade, deveria custar R\$ 8,32 - quase o dobro - o que leva os analistas do *Economist* à suspeita de que o câmbio honesto e verdadeiro deveria ser de R\$ 1,68 por dólar. Bem menos do que está valendo a moeda americana, mesmo depois da queda. Em situação semelhante estão Argentina, Egito, Tailândia e Hong Kong.

Qual a conclusão? Diz o pessoal da revista que - a longo prazo - as variações nos preços do Big Mac devem tornar-se menos pronunciadas, trazendo as variações cambiais a níveis mais realistas. Pode, quem sabe - até - ser bom para nós.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. O Índice do Big Mac. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadó**, Rio de Janeiro, maio 2003. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=390&ID=149>>. Acesso em: 19 mar. 2010.